

GÊNERO, NEOCONSERVADORISMO E A PRÁTICA CLÍNICA COM CRIANÇAS

Eixo 1: Método Materialista Histórico-Dialético

Thaís de Castro Jury Arnoud, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Rio Grande do Sul, *thaiscjarnoud@gmail.com*

Beatriz Tadwald Nunes, Rio Grande do Sul, *beatriz.tadwald@gmail.com*

Marina de Almeida Nery, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Rio Grande do Sul, *Marina.Nery@edu.pucrs.br*

INTRODUÇÃO

Uma visão materialista-dialética da Psicologia compreende que a construção da subjetividade dos sujeitos não pode ser entendida sem levar em consideração fatores sócio-culturais. O método materialista-dialético possibilitou a construção de uma psicologia que rompe com dualismos e busca compreender os indivíduos em sua totalidade. Isso tem implicações diretas no atendimento clínico de crianças. Ainda que estas não sejam meros produtos culturais ou reflexos das determinações sociais, existe uma relação dialética entre psiquismo e contexto social. Consciência, linguagem, emoções e cognições se desenvolvem a partir do contato com o outro e com o mundo. Vigotski (1979), portanto, compreende o desenvolvimento infantil (e adulto) como um complexo processo dialético que se caracteriza pela periodicidade, pela irregularidade no desenvolvimento de diversas funções e por um entrelaçamento de fatores externos e internos. Ou seja, há uma rejeição do conceito de desenvolvimento linear, de modo a considerar alterações tanto evolutivas quanto sociais.

O cenário social, portanto, produz sofrimento psíquico e influencia o desenvolvimento infantil. Atualmente, percebe-se uma crescente do neoconservadorismo no país que possui como principal alvo a expressão de gênero. O gênero é parte importante da construção da subjetividade e influencia diretamente como cada sujeito se relaciona consigo e com o mundo. Desse modo, psicólogos clínicos devem estar atentos para como essas dinâmicas podem aparecer no contexto psicoterapêutico ao atender crianças e famílias. O presente trabalho tem como objetivo construir reflexões e aproximações sobre gênero, neoconservadorismo e o impacto desses fatores no atendimento clínico psicológico de crianças.

MÉTODO

Revisão narrativa da literatura acerca das temáticas gênero (a partir de uma perspectiva feminista-marxista, mas incluindo também autoras de outras perspectivas), neoconservadorismo e atendimento clínico de crianças de modo a pautar reflexões sobre as



suas interseções. A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de livros e as bases científicas Scielo e LILACS.

DESENVOLVIMENTO

O gênero é entendido enquanto conceito, categoria histórica e categoria de análise e desempenha um papel importante na construção da subjetividade. Trata-se de um construto enraizado em dimensões políticas desde a sua criação e, portanto, não há uma definição única do termo. Entretanto, entende-se gênero, a partir de uma perspectiva feminista-marxista, como conjunto de comportamentos, atitudes, valores, estereótipos e expectativas que são culturalmente relacionados com a feminilidade e a masculinidade, sendo que estes irão sofrer mudanças de acordo com o tempo histórico e a cultura (SAFFIOTI, 1999). De um modo geral, homens e mulheres estão implicados em relações de poder assimétricas as quais são atravessadas constantemente por outras categorias como raça, classe e orientação sexual. A mulher é subordinada frente ao Homem Universal; à mulher cabe sempre o lugar do Outro (BEAUVOIR, 2016). Isso se deve à estruturação capitalista da sociedade que se constrói em concordância com o Patriarcado¹ - forma de expressão de poder na sociedade. O patriarcado possui bases materiais e configura uma hierarquia específica nas relações a qual invade todos os espaços da sociedade e que dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres (SAFFIOTI, 2004). Lélia González (2020) indica que o patriarcado no Brasil é capitalista, dependente, racista e heterossexual. Isso é, a opressão das meninas e mulheres brasileiras é atravessada pela raça, classe e orientação sexual e que tudo isso se dá numa região periférica ao capitalismo e marcada pela colonização e exploração decorrente do norte global. Além disso, contribuições mais atuais atentam para o quanto esse complexo modelo de dominação também é pautado a partir de uma lógica cisnormativa que apenas leva em conta a divisão binária dos gêneros - configurando um sistema binário opositor de gênero (HOSKIN & BLAIR, 2021).

O sistema binário influencia o desenvolvimento e rege os corpos dos sujeitos desde a primeira infância. Essa normativa que supõe papéis específicos dentro de duas únicas possibilidades de expressão de gênero (feminino e masculino) coloca meninas em uma posição de fragilidade e inferioridade, enquanto que meninos devem desempenhar dominância, força e até mesmo agressividade (SAFFIOTI, 1999). Ainda, essa norma é

¹ Escreve-se tais termos em inicial maiúscula com o propósito de subverter a linguagem escrita para simbolizar as identidades políticas de tais categorias sociais. "Outro" diz respeito às categorias atravessadas por diferentes interseções, que divergem do padrão patriarcal, e que teriam uma identidade própria. De acordo com Grada Kilomba (2020), a língua nos indica relações de poder e lugar, e neste sentido, a linguagem também pode ser exclusiva e violenta, definindo o que é normal e o que não é.

caracterizada por uma expectativa de linearidade entre genitália (sexo), gênero e desejo, o que Judith Butler (2018) entende como matriz heterossexual. Antes mesmo de uma criança nascer, ao se identificar uma genitália específica, já são criadas expectativas sociais enraizadas nos papéis de gênero. Quando um bebê nasce com um pênis, automaticamente é entendido como um menino e se espera que expresse sua identidade a partir daquilo que é esperado pela masculinidade hegemônica; e que, no futuro, sinta desejo por mulheres.

Destaca-se a importância de compreender como o imaginário social é regido a partir da matriz heterossexual. Ainda que gênero e sexualidade sejam conceitos diferentes, estão relacionados de maneira muito significativa. Na infância, é comum perceber confusões decorrentes desta relação. Quando um menino não desempenha algo próximo da masculinidade hegemônica, está mais propenso a sofrer maus-tratos na infância tanto de seus cuidadores, quanto no contexto escolar (KATZ-WISE, ROSARIO, & TSAPPIS, 2016). Alguns pais, com medo de que os filhos venham a ser não heterossexuais por conta da expressão de gênero mais próxima daquilo que entende-se como feminino, tentam "corrigir" essa expressão (D'AUGELLI, GROSSMAN & STARKS, 2006). Espera-se que "homens de verdade" afastem-se da feminilidade tanto quanto possível. É possível notar a reprodução de diversas crenças tradicionais de gênero no desenvolvimento infantil não apenas naquilo que os pais e cuidadores esperam das crianças, mas também nas brincadeiras: não é incomum crianças estruturarem jogos ou brincadeiras seguindo regras e papéis diferenciados para meninos e meninas (BERALDO, 1993). Ainda, Carvalho e Pedrosa (2002) sugerem que, na infância, a internalização dos papéis de gênero é ainda mais rígida que na adultez. Os ambientes socializadores - escola, contexto familiar, etc - influenciam diretamente as brincadeiras das crianças.

No contexto clínico, é possível perceber como a concepção de gênero dominante atravessa a constituição da subjetividade, da auto-estima, auto-imagem, expressão das emoções e maneiras de se relacionar consigo e com o mundo. Se o desenvolvimento das funções cognitivas, emocionais e de linguagem se dá não apenas a partir de tendências biológicas, mas principalmente na interação com o mundo, o sistema binário opositor de gênero que presume comportamentos específicos das crianças com base no sexo afeta todas as vivências infantis. Para além disso, influencia também o manejo que os pais e cuidadores terão com seus filhos. Pais e cuidadores tendem a ser menos sensíveis, menos carinhosos e mais exigentes com meninos. Por outro lado, meninas são menos estimuladas intelectualmente, seja em casa ou no contexto escolar. Delas, espera-se que desempenhem comportamentos de cuidado, que sejam sensíveis, frágeis e dóceis frente aos homens e

meninos. Esse papel tradicional esperado desde a primeira infância até a adultez é chamado de feminilidade patriarcal (HOSKIN, 2017).

Trabalhar com essas demandas tem se tornado cada vez mais desafiador, visto que há um avanço do neoconservadorismo no Brasil e na América Latina. As forças sociais, políticas religiosas e conservadoras se articulam em defesa da família e da propriedade privada e o neoconservadorismo surge como uma reação às mudanças na ética e na legalidade sexual. Por mais que já houvesse práticas sexuais e reprodutivas diversas, houve um reordenamento simbólico dessas práticas. Assim, a defesa de um modelo único de família - que supõe papéis tradicionais e estereotipados de gênero, e se estrutura na opressão das mulheres - se manifesta na articulação dos setores religiosos e conservadores na política. O capitalismo se estrutura a partir do patriarcado e da desigualdade entre os gêneros, logo, a naturalização de papéis e desigualdades sexuais funciona como resposta a um suposto declínio da ordem moral (BIROLI, VAGGIONE & MACHADO, 2020). Esse discurso está presente nos mais diversos contextos, como igrejas, escolas e internet e acaba por influenciar o sistema familiar. Isso dificulta o diálogo sobre gênero na infância e, no contexto clínico, não é diferente. Muitas vezes a família pode encontrar-se resistente a permitir expressões de gênero que fujam dessas normativas e esperar que o profissional da Psicologia atue como agente corretor de comportamentos e expressões indesejadas. Entretanto, é compromisso ético do profissional de Psicologia atuar de modo sensível e implicado politicamente. A clínica, assim como qualquer outro contexto, não é neutra; mas sim um campo de disputa política.

CONCLUSÕES

O neoconservadorismo crescente no Brasil e na América Latina contribui para a manutenção do sistema binário opositor de gênero, que inferioriza meninas e exclui outras identidades possíveis. Além desse sistema impactar diretamente a saúde mental das crianças e como os pais e cuidadores vão desempenhar suas funções de cuidado, também contribui para a perpetuação da dominação masculina e da estrutura capitalista patriarcal. Ainda, essa lógica culmina na patologização de identidades que fogem à cisheteronormatividade patriarcal. É preciso construir um olhar clínico materialista-dialético atento para a não reprodução dessas dinâmicas sociais no setting terapêutico. A Psicologia pode não atuar como cúmplice, mas sim investir em uma práxis clínica transformadora da realidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Gênero. Infância. Neoconservadorismo. Prática Clínica. Psicoterapia.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3ª Edição, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BERALDO, K. E. **O gênero de brincadeiras de crianças de 5 a 10 anos** (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. 1ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. [S.l.]: Editora José Olympio, 2018.

CARVALHO, A. M. A., PEDROSA, M. I. Cultura no grupo de brinquedo. **Estudos de Psicologia**, Natal, 7(1), p. 181-188, 2002.

D'AUGELLI, Anthony R.; GROSSMAN, Arnold H.; STARKS, Michael T. Childhood gender atypicality, victimization, and PTSD among lesbian, gay, and bisexual youth. **Journal of interpersonal violence**, [S.l.], v. 21, n. 11, p. 1462-1482, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. [S.l.]: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HOSKIN, Rhea Ashley. Femme theory: Refocusing the intersectional lens. **Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture & Social Justice**, [S.l.], v. 38, n. 1, p. 95-109, 2017.

HOSKIN, Rhea Ashley; BLAIR, Karen L. Critical femininities: a 'new' approach to gender theory. **Psychology & Sexuality**, p. 1-8, 2021.

KATZ-WISE, Sabra L.; ROSARIO, Margaret; TSAPPIS, Michael. Lesbian, gay, bisexual, and transgender youth and family acceptance. **Pediatric Clinics**, [S.l.], v. 63, n. 6, p. 1011-1025, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 82-91, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. **Gênero, patriarcado, violência**, [S.l.], p. 151-151, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. El papel del juego en el desarrollo. In Vigotski, L.S., El desarrollo de los procesos psicológicos superiores. Barcelona: Crítica, 1978.